Caderno de Leituras n.165 | 2023

Quando acordou, a família monomarental ainda estava ali

Daniela Pasik

Tradução de
Gabriela Albuquerque

Nota da editora

Uma versão em espanhol deste texto, intitulada “Cuando despertó, la família monomarental todavia estaba allí”, foi publicada na revista ORSAI, e está disponível aqui: https://revistaorsai.com/criar-sola/

Agradecemos à autora a autorização para esta publicação.

Sonhei com o pai do meu filho. Ele estava mais velho, tinha o aspecto que deveria ter se estivesse vivo agora. Cabelos brancos. Barriga. Rugas. Certa calma. Ainda que ele vá permanecer para sempre jovem. Intenso. Bêbado. Lindo. Insuportável. Deveria dizer pai biológico, porque – antes de morrer – ele já havia se desligado de qualquer responsabilidade. Enquanto transitou pela Terra, aos gritos, risadas, confusões e violências, ele não habitou a existência da família que formei sem ele. Nunca conheceu o menino que poderia ser seu filho, nosso, mas que é só meu. Quando eu estava grávida, ele foi embora.

De noite ele voltou. Era alguém mais velho. Estávamos em um bar. Conversávamos sobre coisas existenciais, como quando nos conhecemos, embora mais sóbrios, e tomávamos decisões, ainda que menos precipitadas. Dizíamos que era melhor a gente se separar. No sonho tínhamos ficado juntos todo esse tempo, e a história do meu filho (e a minha) havia sido mais parecida com a de tanta gente. Mamãe, papai, criança em comum, se separam, criança compartilhada.

Mas não. Eu sou essa mulher quebrada, "mãe solteira", e ponho entre aspas o termo porque crio sozinha de verdade. A maternidade é algo permanente. O estado civil, não. Varia. Não estar "casada" ou em um "casal tradicional", sigo colocando entre aspas porque são categorias irreais, não implica que o pai não esteja presente. E, é óbvio, a existência do pai, ainda que ele não se encarregue como deveria, também não

explica esse paradoxo que é criar sozinha. Enquanto termino de tirar as remelas e tomo um café, com o sono sobreposto à realidade, sinto que tudo está fora do lugar.

Entro no Twitter para ver se me distraio. Leio uma menina reclamando que não aguenta mais, diz, e explica que o pai do seu bebê viajou a trabalho e ela então precisou ficar cinco dias sozinha com o filho. Ela está desorientada e eu, em vez de compreendê-la, a odeio. Me sinto má. Pouco desconstruída. Tomo café e trago a ira. Não quero odiar nenhuma mãe que tenha que criar sozinha, ainda que seja por menos de uma semana. Reacomodo minha indignação e esvazio a xícara.

O que me irrita é essa leveza para falar mãe solteira. O conceito é confuso. Pouco preciso. Eu sou solteira, não tenho companheiro e também sou mãe. São três coisas separadas. Além disso, crio meu filho sozinha. É uma quarta coisa. Eu crio ele sozinha, sem mais ninguém. Sem pai, ex-companheiro que seja o pai, companheiro novo que não seja o pai, família do outro lado, nada. Apenas eu e meus recursos. Por isso, se eu falo, se me obrigam a definir um "estado civil", termo que coloco entre aspas, me refiro a mim mesma como a cabeça de uma família monomarental. Assim, sem aspas.

Deveria tomar banho, preparar o café da manhã para meu filho, arrancá-lo da cama, suplicar que vá ao colégio. Trabalhar. Pensar no almoço, prepará-lo, fazer as compras, lavar roupas, ler por um tempo, estudar um pouco, pensar nas tarefas da casa, nas do menino, nas minhas. Criar um filho com um merda que se encarrega um pouco, ou que pelo menos somou tias, tios, uma avó ou um avô à equação, não é o mesmo que assumir sozinha.

A questão também não é igual em relação à paternidade. Estatística e socialmente, essa necessidade que sentimos de sair correndo diante da iminência de um ser que dependerá de nós, homens e mulheres, é concretizada por muitos rapazes. Eles vão embora. No geral, nós mulheres somos as que ficamos. Gostando ou não, ficamos. Eu fiquei, sigo aqui.

Criei meu filho sozinha, ainda que esse não fosse o plano original. Como uma amostra, aí vão três anedotas breves, aleatórias, tiradas da minha cartola de cabeça de família monomarental, assim, sem pensar muito, quase como se pegasse a primeira coisa que eu encontro:

01. No registro civil, quando registrei meu bebê recém-nascido com meu sobrenome, a senhora que atendia me disse: "Você não vai se reconciliar com seu namoradinho e se arrepender em uma semana, né, meu bem? Pensa bem porque é um trâmite longo." Eu a escutei em silêncio. Segui adiante com os documentos. Costurada pela cesárea, puérpera, com meu filho nos braços porque não tinha quem cuidasse dele enquanto eu fazia o trâmite que, além de longo, tornou-se doloroso e perverso.

02. Dez anos depois, quando estávamos na fila para atualizar a foto da identidade dele, apareceu um funcionário da prefeitura e gritou meu nome em voz alta. Me identifiquei e ele nos separou do resto, eu e meu menino de dez. Falou que tínhamos que sair da fila. Nos afastou, literal e simbolicamente, de onde estavam as "famílias normais", entre aspas. E, com a voz ainda mais alta, diante do meu filho, que estava brincando com seu Homem-Aranha, sentenciou: "Você tem que esperar à parte, não com o resto das pessoas, porque será necessário comprovar seus antecedentes, temos que constatar se o pai não pediu a guarda, porque você pelo visto não quis que ele o reconhecesse." Uma menina que estava na fila veio em meu socorro, com naturalidade ela me avisou que cuidaria do meu filho enquanto eu ia para a luta. A luta eu perdi. O que aprendi foi que, se eu fosse homem, isso não teria ocorrido, porque o sobrenome do pai, em 2010, era assumido como "normal", e aqui também coloco entre aspas.

03. Antes e depois, sempre, está a situação escolar. Cada vez que um pai separado vai buscar seu filho ou filha, o bando de mães que costuma ficar na porta morre para ajudá-lo. Porque olhem só que divino, como ele se

encarrega. E eu costumo ficar lá, como em uma montagem, descontrolada, eu que me ferre, mãe ruim, o menino está com o babador não tão limpo.

Fecho as redes sociais. Minha alma de jornalista não se aguenta e eu busco estatísticas. Na Argentina, 16,8% dos lares são de mães solo. E, se eu olho ao meu redor, sem números nem enquetes, encontro muitos casos. Ainda que exista um pai, inclusive dentro da mesma casa, as mulheres costumam criar bastante sozinhas. Em qualquer das instâncias dessa frágil trama. O chat é "das mamães" – entre aspas – por algum motivo, para além de ser ou não insuportável. Enquanto a sociedade debate sobre o aborto, inclusive com muitos homens como aliados sobre o tema, quase ninguém fala sobre o que acontece e o que fazemos quando temos filhos.

Fecho o Google também. Fecho tudo e abro outras coisas. O abandono dos filhos pelos homens, literal e/ou simbólico, está tão naturalizado que quase não é visto. A falta de responsabilidade de muitos pais durante a criação supera enormemente a quantidade de mulheres que, diante do instinto natural de querer sair correndo, ficam ou assumem como podem. E a quem julgam? Cada vez mais mães aderem ao "crio sozinha" porque, ainda que elas tenham companheiro e/ou pai dessa criatura, inclusive um bom, amoroso, segue sendo a norma que é ele quem viaja. Desculpa, menina do Twitter, ainda que eu ache sua reclamação uma besteira, eu não vou mais me irritar com você.

À noite, no sonho, eu não sabia de tudo isso. Porque não tinha acontecido comigo. Também não conhecia essa culpa que a sociedade, o Estado, os colégios, milhares de homens, pessoas pela rua, as redes sociais e, muitas vezes, outras mulheres me inculcaram e que levo como uma carga silenciosa para todo lado. Até hoje me pergunto, ainda que não devesse, o que fiz para que ele fosse embora, como se não tivesse sido uma decisão dele.

No sonho nós nos separávamos em bons termos. Havia um abraço, uma organização das tarefas relativas ao cuidado do menino, uma divisão

das responsabilidades econômicas e muito alívio. Era um sonho, claro, um delírio, como quem sonha que voa. E meu inconsciente é tão linear que até sinto um pouco de ternura por mim mesma. Ainda que agora eu esteja tomando café da manhã querendo assassinar toda a humanidade.

Meu filho não lavou os pratos ontem à noite, e eu tinha feito a janta. Brigamos aos gritos e fiquei exausta. Os pratos seguiram sujos na pia e ele se trancou no quarto, me odiando, porque sou a única que ele pode odiar, e eu fui dormir esgotada, porque sou a única que ele pode odiar. Agora lavo a parte dele enquanto cantarolo com o tom mais alegre possível "de pé". Ele não levanta. Eu preparo um café com leite e levo para ele. É meu ato de maturidade do dia. É difícil para mim, é claro, mas eu faço isso.

Tenho que começar a trabalhar. Eu falo que ele não lavou os pratos. Ele abre um olho e resmunga algo. É adolescente. Com isso, também lido sozinha. Como também com os preconceitos sociais, que ainda existem. Qualquer menino ou menina que faz bagunça na escola é repreendido, recebe advertências ou algo parecido. Não no nosso caso. Sempre há uma reunião com a diretoria acompanhada da pergunta, que inclusive às vezes é movida por certa solidariedade ignorante ou por um progressismo de fachada: "Será que é porque o pai não está?"

No sonho, o pai do meu filho compartilhava comigo a angústia sobre o que fazer com nosso menino agora. Como ajudá-lo a ser melhor e colaborar para que ele seja a pessoa mais feliz que puder. Experimentei tanta segurança e apoio, que me senti muito triste ao acordar. Eu crio sozinha. Gostaria de acreditar que o sonho de ontem foi uma mensagem, mas eu não acredito nessas coisas. Mesmo assim, ainda que o pai do meu filho também não acreditasse nessas coisas, gostaria que o sonho fosse uma mensagem. Mas não, nem meu filho acredita nessas coisas.

Como cabeça de família monomarental, meu sonho para amanhã, se eu pudesse programá-lo, é que deixemos de colaborar com essas insensatezes absolutas geradas pelo patriarcado e seus mandatos. Um sonho que aconteça num mundo onde não se espera que exista o "instinto

maternal” (sim, óbvio, coloco entre aspas), onde não existem categorias ultrapassadas de tipos de famílias ideais, funções estabelecidas, nem mulheres que se encarregam de tudo, enquanto os homens não conseguem ver a importância de começar a se responsabilizar. E que tudo isso siga aí quando eu acordar.

Caderno de Leituras n. 165 | 2023

Quando acordou, a família monomarental ainda estava ali
Cuando despertó, la família monomarental todavia estaba allí
Daniela Pasik

Edição
Maria Carolina Fenati

Tradução
Gabriela Albuquerque

Revisão da tradução
Fernanda Regaldo

Preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Luísa Rabello, Rita Davis

Imagem da capa
Dolores Orange

Coordenação da coleção
Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Acumin Pro e Georgia

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, julho de 2023

Esta e outras publicações da editora
estão disponíveis em www.chaodafeira.com